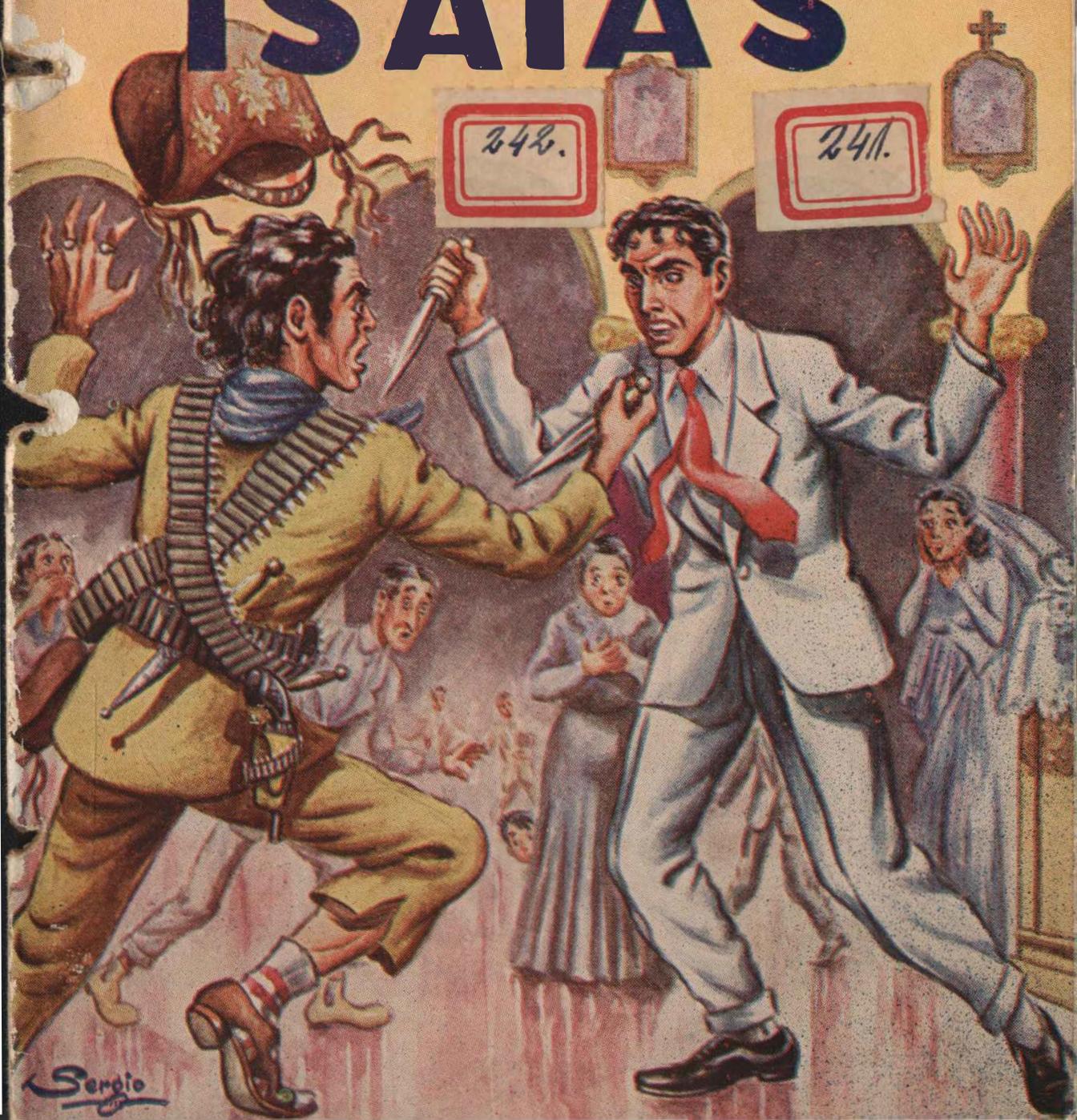


ENEIAS TAVARES SANTOS

232
271

O CANGACEIRO ISAIAS

242



Sergio

ENÉIAS TAVARES SANTOS



O Cangaceiro Isaias

O canto da Meia Noite e a Vingança de um Irmão



Copyright 1958 — Editora Prelúdio Limitada
São Paulo — Brasil

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade
literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 11.451



RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374
SÃO PAULO

ENÉIAS TAVARES SANTOS

O CANGACEIRO ISAIAS



Quem nasce aqui neste mundo
Já vem com os seus sinais
Marcados pelo destino
Com os pontos principais
Uns nascem para ser moles
Outros valentes de mais.

Deus é quem marca o destino
De todo recém-nascido
Por isso é que o valentão
Que seja o pior bandido
Sempre há de encontrar
Um p'ra deixá-lo vencido.

O povo conta as histórias
D'amores e valentias,
Reinos encantados, principes,
Piratas, feitiçarias,
Eu também vou contar uma
Do cangaceiro Isaias.

No Estado de Alagoas
Lá na Lagôa do Páu
Existia um cangaceiro
Isaias Vencesláu
O que Deus tem de ser bom
Êle tinha de ser máu.

Já em tempo de menino
Êle a tudo derrotava
Se pegava uma galinha
Logo a cabeça puxava
Quando quebrava o pescôço
Era que êle a deixava.

Quando o seu pai reclamava
 Ele saía correndo
 Em direção ao roçado
 Com um furor estupendo
 Arrancava as mandiocas
 Quebrava o milho nascendo.

Voltava em toda carreira
 Ia ao cavalo e pegava
 Puxava a cauda pra frente
 E numa orelha amarrava
 Depois metia o chicote
 Com aquilo gargalhava.

Um dia viu um menino
 Com uma bola de gude
 Ele chegou-se p'ra perto
 E com seu instinto rude
 Pegou a pobre criança
 E jogou-a num açude.

Assim êle foi crescendo
 Com seu gênio arruaceiro
 Brigava com todo mundo
 Com o maior desespero
 Quando já grande, tornou-se
 Um terrível cangaceiro.

Certa vez ia passando
 Pela porta duma escola
 Um pobre velho aleijado
 Lhe pediu uma esmola
 Ele espancou o velhinho
 Depois rasgou-lhe a sacola.

Nesse dia o pai com raiva
 Pegou uma grande taca
 P'ra dar uma surra nele
 Mas levantando a macaca
 Isaias furioso
 Matou-o com uma faca.

A mãe vendo aquele ato
 Foi ao marido acudir
 O monstro meteu-lhe o páu
 Não deixou-a escapar
 A velha ficou lá mesmo
 Quietinha sem se bulir.



Correu logo essa noticia
 Que êle matara os pais
 Chegaram quatro soldados
 Tambem dois oficiais
 Isaias matou todos
 Perguntou: Inda tem mais?

Agarrou o armamento
 De um dos oficiais
 Achando que era pouco
 Arranjou mais dois punhais
 Partiu para Coruripe
 Com um destino voraz.

Ao chegar em Coruripe
 Entrou assim mesmo armado
 Era um dia de feira
 Foi logo para o mercado
 Obrigou ao açougueiro
 Lhe vender carne fiado.

O delegado chegou
 Dizendo: Não pode ser
 Ele vendendo fiado
 Não ganha para comer
 Isaias respondeu:
 — Você já vem se meter?

Puxe por ali afora
 Se não quizer levar páu
 Vá cuidar na sua vida
 Seu cara de bacurau
 Hoje aqui quem manda é
 Isaias Vencesláu.

O delegado com medo
 Foi para a delegacia
 Chegou lá ficou calado
 Não contou o que havia
 O monstro ficou na feira
 Fazendo o que entendia.

Assim ficou Isaias
 Vivendo sem trabalhar
 Quando tinha precisão
 Era só mandar buscar
 Numa venda ou armazem
 Tudo tinha que chegar.

Munição ia buscar
 Mesmo na delegacia
 Chegava falando alto
 E pedia o que queria
 — Vá tirar lá no caixaio
 O delegado dizia.

Quando avistava u'a moça
 Palpitava o coração
 Dizia logo consigo:
 — Aquele lindo peixão
 Só está bom para mim
 Vou pegar este pirão.

Escrevia para os pais
 Da moça dizendo assim:
 — Sua filha é muito linda
 Mandem ela para mim
 Sinão mesmo vou buscá-la
 Porque minha volta é ruim.

O pai com medo da fera
 Levava a filhinha sua
 Para a casa do bandido
 Cumprir sua sina crua
 Ele ficava com ela
 Depois deixava na rua.

Assim mais de quatro anos
 Em Coruripe passou
 Uma centena de moças
 Ele desassoccegou
 Fazendo barbaridade
 Muitas pessoas matou.

Vivia assim o bandido
 A todo mundo assombrando
 Fazendo barbaros crimes
 As familias maltratando
 Sem pensar que Deus do Céu
 P'ra seu povo estava olhando.

Porém desde eu pequenino
 Que ouço meu pai falar
 Num ditado muito certo
 Que eu posso acreditar
 "Quem sua cama fizer
 Nela há de se deitar".

Outro ditado que eu
Aprendi de muito môço
Que "a cabaça começa
Muito cedo indo ao pôço
Até que um dia vai
Lá mesmo deixa o pescçoço.

Ninguém pensa nos castigos
Do Bom Deus Onipotente
Cada um segue por si
Faz o que lhe vem na mente
Sem prevenir o futuro
Só se lembra do presente.

Vamos deixar Isaías
Com o seu coração ruim
P'ra falar em um rapaz
Filho do velho Amorim
Arlindo Amorim Ferreira
Que morava no Pochim.

Ele trabalhava numa
Dispolpação de arroz
P'ra trabalhar nessa firma
Ele por si se dispoz
Havendo necessidade
Falarei nisso depois.

Por hora falo no moço
Para não haver censúra
Mostrando ao bom leitor
A sua grande aventura
Que lutou auxiliado
Pelo poder da Natura.

Arlindo para casar-se
Um certo dia noivou
Com u'a mocinha pobre
Por que muito lhe agradou
Pois os sinais da belesa
Deus à donzela ofertou.

Com um mes e sete dias
Foi ao pai dela e pediu
Sua mão em casamento
Logo o velho consentiu
Ele ficou muito alegre
Com o prazer que sentiu.

O seu patrão quando soube
Que êle ia se casar
Um uniforme de linho
Comprou, mandou costurar
Tambem um par de sapatos
Para lhe presentear.

Para oito de dezembro
Foi marcado o casamento
Porque todos esperavam
Aproveitar o momento
Da festa da Conceição
Na igreja de São Bento.

Ele ficou trabalhando
P'ra sua casa arrumar
Comprando o que precisava
Cuidando em se preparar
Pois é assim que o rapaz
Faz quando quer se casar.

Enquanto o moço se apronta
Para o dia do festim
Vou falar em Isaías
O monstro perverso e ruim
Que vivia em Coruripe
Pouco longe do Pochim.

Certa vez um padre velho
Vinha duma romaria
Encontrou com o malvado
Em um areal que havia
Isso era mais ou menos
As onze e meia do dia.

Ele disse para o padre
Uma palavra indecente
Depois pegou-o com raiva
E tirou ligeiramente
A batina e botou êle
Deitado na areia quente.

Quando o padre levantou-se
Já não podia falar
Porém disse para o monstro:
— Isto tú tens de pagar
Pois um ministro de Deus
Não se deve maltratar.

Porém isso não foi praga
Que o vigário rogou
Foi porque naquela hora
O poder do Céu baixou
Então contra o miserável
O padre profetizou.

Isaias satisfeito
Saiu alegre sorrindo
Dizendo: Que idiota!
Já vem p'ra cá se fingindo
Se fazendo de profeta
Dizendo asneira e mentindo.

O padre chegou em casa
Contou logo ao sacristão
O sacristão disse ao povo
Tornou-se uma confusão
Juntaram-se doze homens
P'ra matarem o valentão.

Não sei por boca de quem
O monstro chegou saber
Que o povo ia matá-lo
Ele pegou a dizer:
— Deixe vir esta canalha
Que sei o que vou fazer.

P'ra chegar na casa dele
Era fácil de acertar
Mas o caminho era estreito
Só dava p'ra um passar
Então a turma que ia
Teve que enfileirar.

Quando a turma chegou perto
Na frente ele apareceu
E na mira do fusil
O olho logo correu
Deu um tiro matou trez
Na queda o resto correu.

Ele ai correu atraz
Um inda pôde pegar
Disse: Quem mandou matar-me?
Se você não me explicar
Vai hoje para o inferno
Antes do dia findar.

O cabra temendo a morte
Toda a história contou
Disse: Amigo, foi o padre
Que fazer isso mandou
Eu vinha para avisá-lo
Porém meu plano falhou.

Ele matou o sujeito
Depois foi para a matriz
Chegando encontrou o padre
Deu-lhe um sóco no nariz
Com a dor, êle gritou:
— Oh! miserável infeliz!...

Isaias disse a êle:
— Você mandou me matar
Foi perdido, eu não morri
E você vai me pagar
Deu-lhe uma tremenda surra
E mandou êle rezar.

Vamos deixar Isaias
Porque a hora chegou
De vermos o casamento
O rapaz já se aprontou
Está esperando o dia
Conforme se combinou.

Já estava tudo pronto
O padre já contratado
Os banhos também corridos
O povo todo animado
A festa se parecia
Uma apartação de gado.

Aconteceu que o monstro
Resolveu a se mudar
Disse que em Coruripe
Não queria mais ficar
Então foi para o Pochim
Para lá mesmo morar.

Só faltavam quatro dias
Para ser o casamento
A festa da Conceição
Já estava em andamento
Todo povo alvoroçado
Só esperando o momento.

Num dia o bandido estava
Em uma venda bebendo
Levantou a vista um pouco
No mesmo instante foi vendo
A moça por um caminho
Um pote d'agua trazendo.

Perguntou a um menino:
— Quem é aquela mocinha?
Diz êle: E' minha cunhada
E se chama de Carminha
Vai se casar amanhã
Se a sorte não for mesquinha.

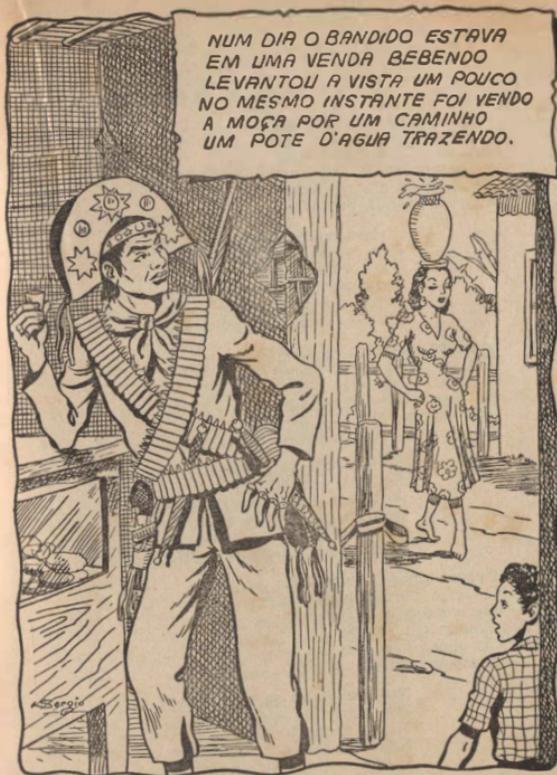
Todo mundo no Pochim
Já estava amedrontado
Pois todos tinham a fama
Do bandido desgraçado
Vendo êle ali, ficou
Cada qual mais assombrado.

Sabiam que êle era
Destruidor de donzela
Porque muitas já haviam
Caído na esparrela
Ninguem queria negocio
Com uma fera daquela.

Êle mandou ao rapaz
Um bilhete de ante-mão:
— "Se casar com esta moça
Sem a minha permissão
Vai saber p'ra quanto eu presto
Quanto pesa a minha mão.

Com esta linda mocinha
Você não pode casar
Mande ela para mim
P'ra não ver eu me zangar
— Isaias Vencesláu"
Assinou-se ao terminar.

Logo o rapaz respondeu
Dizendo: Vou lhe explicar:
— Esta moça é minha noiva
Amanhã vou me casar
Se você precisa dela,
E porque não vem buscar?



NUM DIA O BANDIDO ESTAVA
EM UMA VENDA BEBENDO
LEVANTOU A VISTA UM POUCO
NO MESMO INSTANTE FOI VENDO
A MOÇA POR UM CAMINHO
UM POTE D'AGUA TRAZENDO.

O monstro ficou bufando
Ao receber o bilhete
Disse: Eu vou buscar a moça
E lá rebento foguete
Mato o noivo, dou no padre,
Quebro os santos de cacete.

Pela amanhã quando o sol
O seu clarão espalhava
Urrava o gado no campo
A passarada cantava
Pelos copos dos coqueiros
A brisa branda passava.

Estava o povo contente
Um cantava outro sorria
Para assistirem a missa
Estavam com alegria
Rumaram para a igreja
Que de cheia não cabia.

Seguiram também os noivos
P'ra ser feito o casamento
O padre que já estava
Foi logo dando andamento
Com pouco chegou o monstro
Brabo que só um jumento.

E da porta da igreja
Foi logo gritando assim:
— Quem deu o consentimento
Cretino, atrevido e ruim?
De casar com esta moça
Sem mandar dizer a mim?

O rapaz disse: Eu mandei
Não veio porque não quiz
Mas como você é brabo
Segundo o povo me diz
Nós agora brigaremos
Mesmo dentro da matriz.

Nisso o padre se escondeu
Por detraz da sacristia
Mas o sacristão ficou
Num lugar que ninguém via
E um menino escondeu-se
Dentro da sáia da tia.

A noiva, essa coitada
Ficou para se acabar
Chorando e bem escondida
Lá por detraz do altar
E o pai da moça dizia:
— Eu lá não vou nem olhar.

Disse o monstro: Você vai
Agora ver eu quem sou
E partiu para o rapaz
Ele também avançou
E aquela santa missa
Numa briga se tornou.

Aconteceu que o rapaz
Tinha ido prevenido
Levando em sua cintura
Um punhal forte e comprido
Para com êle na mão
Assassinar o bandido.

O cabra partiu p'ra êle
Para dar-lhe um golpe feio
Porém o moço livrou-se
Fez um ligeiro volteio
O punhal pegou São Cosme
Partiu o santo no meio.

Porém em dado momento
Deus ao moço auxiliou
Que êle fez que caiu
O monstro em cima pulou
O rapaz com toda força
O punhal nele enterrou.

O cabra já caiu morto
Que a furada foi boa
Pois quem está prevenido
Não vai fazer coisa atôa
Disse o padre: Duma desta
Só pode escapar quem vóa.

Enterraram o monstro para
O urubú não comer
E Arlindo então se casou
Foi um imenso prazer
Em casa a festa rolou
Até o amanhecer.

Assim o cabra acabou-se
Com o seu coração ruim
Carminha que era a noiva
Teve um prazer sem fim
Ainda hoje se conta
Essa história no Pochim.

Nessa história se vê que
Valentia não convem
Porque sempre o valentão
Nunca pode viver bem
Porque quando não espera
O seu castigo já vem.

Tambem só vence quem luta
Numa causa definida
Como Arlindo que lutou
Defendendo a propria vida
E a causa da inocencia
Da sua noiva querida.

Arlindo era corajoso
Lutou e teve a vitoria
Recebeu uma fortuna
Por conquistar esta gloria
Ali não houve mais prantos
Enéias Tavares Santos
Foi quem versou esta história.

★

232-A



ENÉIAS TAVARES SANTOS

O CANTO DA MEIA NOITE E A
VINGANÇA DE UM IRMÃO



Deus de paz, amor, bondade
Dai-me a vossa proteção
P'ra eu versar esta história
Com base e inspiração
"O canto da meia noite
É a vingança de um irmão".

Morava o rei Arquelau
Nas terras da Palestina
Um rei de grande poder
Mas tinha a alma ferina
Porque não obedecia
A Providência Divina.

Esse rei só tinha um filho
E uma filha também
Somente a esse casal
Amava e queria bem
Porém a morte não manda
Quando precisa ela vem.

Porque o príncipe um dia
Adoeceu de repente
Com uma dor no umbigo
E chamou o pai urgente
O rei chegando êle disse:
— Meu pai eu estou doente.

O rei então perguntou:
— O que tens filho adorado?
Ele disse: E' uma dor
Que me deixa torturado
Nisso o rei chamou os médicos
Para deixá-lo curado.

Todos os médicos chegaram
Para examinarem o mal
Aplicaram com cuidado
O poder medicinal
Porém não houve melhora
Pois a dor era mortal.

Mas um médico inda falou:
— Tem ali u'a mulher
Casada c'um feiticeiro
No feitiço tem mister
E cura qualquer doença
Salvo se ela não quizer.

Nisso o rei mandou chamá-la
E disse de cara dura:
— Quero o meu filho curado
Não diga que não tem cura
Se não, a tua materia
Viaja p'ra sepultura.

Ela olhou o menino
De pertinho examinou
Porém a dor era horrenda
E o umbigo estourou
O espirito foi embora
Só a materia ficou.

O rei vendo o filho morto
Disse a ela: Oh! desgraçada
Tu não salvaste o meu filho
Pois tua hora é chegada
Tirou-lhe a cabeça fora
Com uma só espadada.

E então cuidaram logo
De enterrar o falecido
Todos da casa ficaram
Num pranto descomedido
O rei foi procurar meio
Para aplacar seu gemido.

Mas o feiticeiro soube
Tudo que aconteceu
E disse: Eu hei de vingar
Aquilo que era meu
Esse rei há de pagar-me
Tudo quanto cometeu.

A princesa todo dia
Gostava de passear
Numa praça muito linda
Qu'o rei mandou preparar
Bôa oportunidade
Para o bruxo se vingar.

E cinco dias depois
Ela estava passeando
Numa hora que o sol
No ocaço ia entrando
Nisso ela sentiu um choque
E foi logo desmaiando.

Tinha sido o feiticeiro
Que uma seta lhe cravou
Ela caiu desmaiada
Ele pegou-a e levou
Para um subterrâneo
Deixou-a e se retirou.

O subterrâneo era
Nu'a mata que havia
Temerosa e muito escura
Onde o feiticeiro ia
Nas noites tumultuosas
Fazer a feitiçaria.

No subterrâneo havia
Uma enorme prisão
Toda cercada de ferro
Contendo um forte portão
Daquela prisão secreta
Não escapava um cristão.

Ele trancou a prisão
E saiu com brevidade
Para saber o que havia
Ou qual era a novidade
Pois a falta da princesa
Abalou toda cidade

Agora caros leitores
Peço vossa permissão
Para deixar a princesa
Dormindo lá na prisão
E voltar para o reinado
Para ver a confusão.

Havia caído a noite
 Com o seu escuro véu
 Nem sequer uma estrela
 Se via brilhar no céu
 O rei achava-se aflito
 Tinha as feições de um réu.

Pois o seu filho estimado
 Há pouco tinha morrido
 E a sua filha adorada
 Tinha desaparecido
 Já falava como quem
 Tinha já enlouquecido.

Então mandou a policia
 Sua filha procurar
 Em diversas deligencias
 Que puderam despachar
 Gastaram quarenta dias
 Mas não puderam encontrar.

A noticia percorreu
 As terras da Palestina
 O rei viu qu'era debalde
 Se procurar a menina
 Ficou triste, acabrunhado
 Lastimando a sua sina.

Aqui pretendo deixar
 O rei na sua aflição
 Para falar na princesa
 Seu anjo de estimação
 Quando ela se acordou
 Dentro da escuridão.

Quando ela despertou
 Desse sono traiçoeiro
 Naquela prisão escura
 Gritava com desespero
 Quando naquele momento
 Foi chegando o feiticeiro.

A moça estava inquieta
 Dentro daquela fria
 Quando o feiticeiro entrou
 Levava uma vela acesa
 Chegou perto da prisão
 E falou para a princesa.

TINHA SIDO O FEITICEIRO
 QUE UMA SETA LHE CRAVOU
 ELA CAIU DESMAIADA
 ELE PEGOU-A E LEVOU
 PARA UM SUBTERRÂNEO
 DEIXOU-A E SE RETIROU.



— Pode ficar descansada
 Não precisa desespero
 Vais pagar-me por teu pai
 Eu irei ser justiceiro
 Para aquele miserável
 Deixar de ser traiçoeiro.

A princesa ouvindo isto
 Caiu no chão sem sentido
 O feiticeiro saiu
 Entrou no reino escondido
 Levou tudo quanto tinha
 Temendo ser perseguido.

E lá no subterrâneo
 Fixou a moradia
 Passava todos os dias
 Trabalhando em bruxaria
 E só saía da furna
 Quando a noite aparecia.

Já fazia doze anos
 Que nesse viver estava
 A princesa coitadinha
 De dia a noite chorava
 Já não parecia aquela
 Que na praça passeava.

E o povo no reinado
 Inda não tinha esquecido
 A rainha de desgosto
 Também já tinha morrido
 Só mesmo o rei resistia
 Porém já muito abatido.

Ao completar esse tempo
 Disse um dia o feiticeiro:
 — Hoje irás ao reinado
 De teu pai, o traiçoeiro
 Porém irás transformada
 Num passarinho agoureiro.

Sairás à meia noite
 O reino percorrerás
 Porém se eu for enganado
 E tú não voltares mais
 Será tua derradeira
 Pois lá mesmo morrerás.

E quando deu meia noite
 Um banho lhe aplicou
 Com um líquido enfeitado
 E num pássaro a transformou
 Que depois batendo as azas
 Pelo espaço vôou.

Era um pássaro elegante
 Lindo da cor de marfim
 O bico todo dourado
 A voz igual um clarim
 Percorreu todo reinado
 Cantando, dizendo assim:

— Salvai-me meu pai, salvai-me
 Tenhais de mim compaixão
 Libertai esta infeliz
 Das unhas de um dragão
 Vejo a morte em minha frente
 E' triste a minha aflição.

Depois de muito cantar
 Para o abismo voltou
 Chegando desencantou-se
 Em princesa se tornou
 O feiticeiro trancando-a
 Muito contente ficou.

Os habitantes do reino
 Ficaram c'um medo horrendo
 Diziam que um espirito
 Mau, estava aparecendo
 Para pagar os pecados
 Vivia se maldizendo.

E assim aquele povo
 Não queria mais andar
 Na rua ao anoitecer
 Temendo se encontrar
 Com aquele espirito ruim
 Qu'ali vivia a vagar.

Já fazia nove dias
 Qu'essa voz aparecia
 Com esse canto assombroso
 Todo o reino percorria
 O povo todo assombrado
 Sem saber o que seria.

Leitor eu peço desculpa
 Duma grande falta minha
 Pois não falei em dois jovens
 Moços de primeira linha
 Porém só não falei logo
 Porque falar não convinha.

Mas agora eu falarei
 Para agradar ao leitor
 Um se chamava Jerónimo
 Era um grande pescador
 O outro era Elisiário
 Destemido caçador.

Jerónimo uma noite ouvindo
 O passarinho cantar
 Sem saber mesmo o que era
 Resolveu acompanhar
 Para ver aquela voz
 Onde ia se ocultar.

A lua resplandecia
 Muito fina e prateada
 Nessa noite o passarinho
 Demorou-se na jornada
 Quando voltou para a furna
 Já era de madrugada.

Na claridade o rapaz
 Viu quando o pássaro entrou
 Dentro do subterrâneo
 E quando desencantou
 O feiticeiro com raiva
 Para a moça assim falou:

— Tú queres me enganar
 E fazer-me uma traição
 Portanto, eu agora mesmo
 Te botarei na prisão
 Onde ficarás até
 A tua consumação.

Jerónimo que tinha ido
 Com uma espada bem armado
 Gritou para o feiticeiro:
 — Bandido estás enganado
 Vim defender esta moça
 Matar-te-ei degolado.

Isto para o feiticeiro
 Foi a hora decedida
 De u'a mesa puxou
 Uma espada comprida
 E partiu para o rapaz
 Para deixá-lo sem vida.

Os dois ferros se cruzaram
 Cada golpe era um gemido
 O feiticeiro gritou:
 — Você é muito atrevido
 Vai morrer na minha espada
 P'ra não ser intrometido.

Jerónimo também gritou:
 — Tú erraste o teu roteiro
 Te mato de qualquer forma
 Porque também sou guerreiro
 E hoje o feitiço vira
 Por cima do feiticeiro.

Quando o rapaz disse isto
 De repente tropeçou
 Em uma pedra que havia
 Ali pelo chão rolou
 O feiticeiro correu
 E ligeiro o amarrou.

Deixou-o preso num tronco
 Deu-lhe uma surra danada
 Nessa hora o sol já tinha
 Despertado a alvorada
 Enquanto que no reinado
 Era enorme a zuada.

Uns diziam que o rapaz
 Tinha desaparecido
 Talvez caído no mar
 O peixe o tinha comido
 Outros diziam que não
 Talvez tivesse fugido.

Procuraram e não tiveram
 Nem sequer informação
 Elisiário coitado
 Não tinha consolação
 Chorava de fazer pena
 Com saudade do irmão.

Porque êles eram órfãos
Os seus pais tinham morrido
E até aquela data
Juntos haviam vivido
Porém agora Jerônimo
Tinha desaparecido.

Assim êle destinou-se
Com toda disposição
A sair de mundo a fora
Em procura do irmão
Ou achava, ou nunca mais
Voltava à sua nação.

Embrenhou-se na montanha
Levando uma boa espada
Um punhal muito possante
Numa bainha enfeitada
Sosinho sem companheiro
Tendo a alma contristada.

Caminhou o dia todo
E quando a noite caiu
Viu a lua prateada
Que no espaço surgiu
Sua figura elegante
Nas aguas se refletiu.

Mesmo assim Elisiário
A andar continuou
Mas temendo os animais
Numa árvore se trepou
Escondido na folhagem
Ali a noite passou.

Quando Apolo despertou
Abrindo as portas do dia
Elisiario desceu
Daquela árvore sombria
Molhado pelo sereno
Qu'a madrugada trazia.

Continuou a viagem
Mas adiante êle avistou
O grande subterrâneo
Que muito o admirou
Porque um grito estridente
Daquela abismo ecoou.



DEIXOU-O PRESO NUM TRONCO
DEU-LHE UMA SURRA DANADA
NESSA HORA O SOL JA' TINHA
DESPERTADO A ALVORADA
ENQUANTO QUE NO REINADO
ERA ENORME A ZUADA

Entrou de abismo a dentro
 P'ra tirar a conclusão
 Daquilo que estava vendo
 Que lhe chamou atenção
 Encontrou o feiticeiro
 Pegado com seu irmão.

Um breviário importante
 Este monstro possuía
 Preso num cordão de ouro
 No pescoço o conduzia
 Porém estando sem êle
 De nada lhe serviria.

Elisiário gritou:
 — Monstro péssimo desgraçado
 Que fazes com meu irmão
 Neste cárcere aqui trancado?
 Agora te levo a pulso
 Para a côrte do reinado.

O feiticeiro correu
 P'ra pegar o breviário
 Que estava em u'a mesa
 Seu futuro foi precário
 Quando pensou já estava
 Nas mãos de Elisiário.

Nisso a princesa gritou:
 — Mate este desgraçado
 Quando o rapaz avistou-a
 Ficou logo apaixonado
 Disse: Para defendê-la
 Eu lutarei animado.

O feiticeiro puxou
 Uma espada possante
 E o moço Elisiário
 Muito calmo e confiante
 Puxou a sua também
 E deu mais um passo adiante.

Ai travou-se a batalha
 P'ra ver quem tinha má sorte
 O feiticeiro gritou:
 — Na luta também sou forte
 Hoje eu mandarei você
 Dormir na cama da morte.

Elisiário lhe disse:
 — Conversar muito é besteira
 Acho melhor te entregar
 Pois tua morte é certa
 Hoje tú vais p'ro inferno
 Nem que o diabo não queira.

O rapaz dizendo assim
 Um golpe nele mediu
 Com uma força tão grande
 Que a espada tiniu
 E a cabeça do monstro
 Ninguém soube onde caiu.

O moço só viu o corpo
 Rolar morto sôbre o chão
 Ele foi solto a moça
 E também o seu irmão
 Seguiram para o reinado
 Na maior satisfação.

Se for contar a miúdo
 O livro não vai caber
 Porque o rei vendo a filha
 Só faltou enlouquecer
 A alegria foi tanta
 Que não posso descrever.

Elisiário mostrou
 Ao rei o breviário
 E contou como venceu
 Aquele monstro sicário
 A banda tocou um hino
 Em louvor de Elisiário.

O rei disse aos irmãos
 — Estou com muito prazer
 Tenho a moça para os dois
 Porém não sei resolver
 Como estou em confusão
 Vou mandar ela escolher.

Mas a princesa ficou
 De pensamento atordido
 Pois o moço Elisiário
 A luta havia vencido
 Mas Jerônimo também tinha
 Por ela muito sofrido.

Porém Jerónimo falou:
— Está decidida a questão
Elisiário venceu
Aquele monstro ladrão
Eu concordo que a princesa
Case com o meu irmão.

O rei disse: Muito bem!
E' assim que homem faz
Eu te dou minha sobrinha
Qu' é u' a moça capaz
Assim, se casaram os quatro
E foram viver em paz.

Mas toda noite aparece
Lá na mata uma visão
De um corpo sem cabeça
C'um breviário na mão
Depois que solta um gemido
Se some na escuridão.

Escrevi o que passou-se
Não usei alteração
Elisiário foi feliz
Indo salvar seu irmão
A princesa lhe ofertou
Seu honrado coração.



4834



AS CONHECIDAS "CARTAS DE AMOR" DE FRED JORGE,
QUE EMPOLGARAM MILHÕES DE OUVINTES DE RÁDIO,
REUNIDAS NUM LIVRO DEDICADO AOS ENAMORADOS



PEDIDOS À EDITORA PRELÚDIO LIMITADA
RUA IPANEMA, 772 — FONE: 93-1374 — SÃO PAULO

SNB